

COMUNISTAS E LIGAS CAMPONESAS EM CAMPOS DO GOYTACAZES: O CASO DA OCUPAÇÃO DAS TERRAS DO IMBÉ (1962-1963)

Leonardo Soares dos Santos¹

Resumo

As relações entre as Ligas Camponesas e os comunistas se tornaram bem tensas depois do I Congresso de Lavradores e Trabalhadores Rurais do Brasil. Ali as diferenças entre as duas organizações ficaram visíveis. Boa parte da literatura dedicada ao tema dos movimentos sociais do campo consolidaria, a partir desse evento, uma rivalidade irreconciliável entre eles. Porém, houve exemplos concretos de atuação na questão agrária que demonstram que em meio a tanta rivalidade e disputa, havia espaço para momentos de colaboração e solidariedade. Campos foi um exemplo emblemático, em especial os eventos referentes à ocupação das terras do Vale do Imbé.

Palavras-chave: Campos dos Goytacazes. Rio de Janeiro. Ligas Camponesas. PCB.

Recebido em 13 de agosto de 2020 e aprovado para publicação em 01 de fevereiro de 2021

¹ Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Professor e pesquisador no Departamento de Fundamentos da Sociedade do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, do Pólo Universitário da UFF, em Campos dos Goytacazes. Também é professor do Mestrado em Políticas Públicas, do Instituto Interdisciplinar da UFF/Campos e pesquisador do Instituto Histórico-Geográfico da Baixada de Jacarepaguá.

Introdução

A ocupação das terras do Imbé em 1963 foi um acontecimento marcante da história dos movimentos sociais do campo no Brasil, já que foi uma das primeiras iniciativas que implicou na tomada de terras públicas para fins de desapropriação. Entretanto, a leitura de tais acontecimentos acabaram sendo orientada pela memória construída por militantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Em tal registro o acontecimento citado teria sido protagonizado exatamente por quadros do partido, em especial José Pureza, muito ligado à Baixada Fluminense. Entretanto, uma pesquisa mais detalhada em memórias de outros agentes, buscamos comprovar alguns pontos já presentes no trabalho de Mário Grynszpan: o de que outros grupos políticos tiveram grande atuação nos eventos do Imbé, principalmente as Ligas Camponesas².

Campos, uma cidade conflagrada

Antonio Carlos Pereira Pinto era em 13 de maio de 1962 - portanto, pouco mais de um ano antes da ocorrência dos eventos do Imbé (ocupação de terras em abril de 1963) – um deputado estadual do Rio de Janeiro, filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro, o mesmo do presidente João Goulart e do governador Badger Silveira. Ele era filho de Jorge Pereira Pinto, um dos maiores usineiros da região Norte-Fluminense, dono das Usinas Santa Maria e Santa Isabel. Apesar disso era envolvido em causas “trabalhistas” e “nacionalistas”, inclusive a “reforma agrária”. Daí que fosse muito ligado a setores do PTB, Partido Socialista Brasileiro e Partido Social Progressista. Pinto tinha ainda relações com figuras como Adão Pereira Nunes, Affonso Celso e Francisco Julião, que extrapolavam os laços políticos.

Em seu livro de memórias *Quem quebrou a casa de meu pai?*, Antonio Carlos Pereira Pinto procurou reconstituir o conturbado cenário político da cidade de Campos, relembrando como foi a passagem do líder das Ligas Camponesas do Nordeste Francisco Julião pela cidade de Campos em 1962. O trecho aqui citado é bem extenso, mas a riqueza da descrição do evento, os aspectos e agentes mencionados, justificam sua reprodução:

A cidade de Campos se preparava para receber o parlamentar socialista e líder das “Ligas Camponesas” Francisco Julião. Tratava-se do advogado que liderava o movimento pela Reforma Agrária e discutia a validade da posse das terras improdutivas. Endeusado no Nordeste e marcado pelos latifundiários, seu nome foi logo projetado para fora das fronteiras, como um perigoso articulador dos movimentos sociais de sua terra. Campos era sede da T.F.P. (Tradição, Família e Propriedade), que tinha como chefe o bispo d. Antonio de Castro Mayer, que

² GRYSZPAN, Mário. **Mobilização camponesa e competição política no estado do Rio de Janeiro (1950-1964)**. Rio de Janeiro, Tese de doutorado em Antropologia Social, Museu Nacional/UFRJ, 1987.

amaldiçoava todos os comunistas, qualquer movimento ou militante progressista e seus simpatizantes. Vinte mil pessoas esperavam e festejaram a chegada do grande líder Julião. Foi numa tarde ensolarada de maio. Os camponeses à frente, empunhando suas enxadas e suas catanas. Os trabalhadores de usina, trabalhadores da Leopoldina, rodoviários, metalúrgicos, bancários, funcionários, uma multidão de trinta mil pessoas em volta da rodoviária formava um imenso anel humano. Francisco Julião, com o cabelo desalinhado e roupa de advogado pobre, foi ovacionado e recebido por uma linha de frente formada por presidentes de sindicatos e alguns políticos. No meio estava o filho do velho patriarca, o agora deputado Pereira Pinto, traíndo a burguesia local, incitando o ódio dos latifundiários. O médico e deputado federal Adão Pereira Nunes, figura humana respeitada na região, também se fazia presente. Quando fez uso da palavra, Francisco Julião foi taxativo: “Quando morrer, vocês escrevam em cima da pedra: aqui jaz Francisco Julião, um agitador social”. Campos se amedrontava com o movimento, que ia tomando proporções inesperadas. Na véspera, os trabalhadores da Leopoldina, com o líder Jaci Barbeta à frente, tinham organizado uma passeata com apito na boca. O desfile pelo centro da cidade tinha mexido muito com a população. Havia muita gente na cidade comprando armas. Fazendeiros e donos de engenho se preparavam para uma luta armada. Reforma Agrária virou palavrão. O bispo havia publicado um livro criticando esse movimento, que foi espelhado por todo Brasil: “Reforma Agrária, Questão da Consciência”.³

Pereira Pinto entendia que o grande alvoroço em torno da visita de Francisco Julião se devia a sua imagem como grande líder do movimento pela reforma agrária patrocinado pelas Ligas Camponesas no Nordeste do país. Notoriedade que lhe conferia prestígio e influencia junto aos segmentos identificados com o campo das “forças nacionalistas e progressistas”, por um lado, mas também despertando temor e repulsa aos setores mais conservadores da sociedade. E a sua passagem por Campos foi bastante simbólica nesse sentido, pois se tratava de uma cidade imensamente polarizada entre os dois campos. Temos, portanto, líderes políticos da esquerda e representantes de categorias profissionais (trabalhadores de usina, trabalhadores da Leopoldina, rodoviários, metalúrgicos, bancários, funcionários) e uma “multidão de trinta mil pessoas” demonstrando admiração pela figura de Julião. Ao mesmo tempo, Pereira Pinto não deixa de destacar a ojeriza expressada por latifundiários e líderes religiosos ultra-conservadores, como o bispo de Campos d. Antonio de Castro Mayer, que era também líder do movimento da T.F.P. (Tradição, Família e Propriedade) pela presença ali na cidade de tal personagem. A rejeição foi tão intensa, que tais setores viram nisso um ensejo para compra de armas.

Outro aspecto relevante da descrição de Pereira Pinto é a sua própria iniciativa de enfatizar a adesão de segmentos da política local e regional e do movimento sindical (em especial, aquele mais influenciado pelos comunistas como o ferroviário), os “presidentes de sindicatos e alguns políticos”. Contudo, as menções são cuidadosamente selecionadas. São destacadas então as figuras mais próximas a ele, casos do deputado Adão Pereira Nunes,

³ PINTO, Antonio Carlos Pereira. **Quem quebrou a casa de meu pai?**. Rio de Janeiro: Editora Comunità, 2004, p. 55-56.

do PSP e que tinha bom trânsito com segmentos do PCB e PSB (o próprio Julião e Breno da Silveira) e Jaci Barbetto⁴, quadro do PCB local, que disputava uma vaga como vereador pelo PSP (ele mesmo era muito amigo de Adão P. Nunes) e líder dos ferroviários. Embora parcial, o trecho da narrativa de Pereira Pinto revela o quanto os segmentos de esquerda em Campos estavam mobilizados. Mais ainda: demonstra o quanto esse campo estava composto por grupos e lideranças distintas, e que o PCB, em função disso, não tinha controle absoluto sobre ele. Por mais que todos os agentes desse campo tivessem algum vínculo com os comunistas, eles também o tinham com outras forças políticas, muitas das quais eram concorrentes dos pecebistas.

Tratava-se, portanto, de um campo heterogêneo de forças. E que num contexto altamente polarizado e conflitivo, era caracterizado por intensa concorrência entre esses mesmos grupos.

Um amigo e companheiro de lutas de Pereira Pinto, o dirigente comunista Delso Gomes, que era também presidente do sindicato dos rodoviários de Campos, recorda os mesmos eventos no seu livro sobre a história do PCB na cidade. E menciona o próprio Pereira Pinto. Mas acrescenta uma série de outros detalhes:

No dia 13 de maio visita Campos, a convite de Adão, o deputado Pernambucano Francisco Julião, dirigente das famosas Ligas Camponesas naquele estado. Ele, juntamente com o professor do ISEB Álvaro Vieira Pinto, profere uma palestra nos altos da Rodoviária sobre as reformas de base, dando enfoque à reforma agrária e à Frente de Libertação Nacional. O ato é presidido pelo presidente do Conselho Sindical Jorge Tâmega, estando presentes os deputados estaduais Antônio Carlos Pereira Pinto, Aristóteles Miranda Melo e o deputado federal Adão Pereira Nunes que, juntamente com Jacy, João Bento, Delso, Antônio João de Faria, Tupinambá, Helson, Jair Pinto e Almirante Costa, compõe a mesa. Presentes também à palestra de Julião o Dr. Edmundo Santos, secretário do prefeito que, no ato, o representava, o major Valdemar Pereira e alguns vereadores.⁵

Nesta outra passagem, também bem extensa, Gomes procura retratar a existência de um certo paradoxo que envolvia aquele evento, de um lado uma multidão prestigiando e apoiando a fala do líder das Ligas Camponesas (Gomes fala em mil, bem longe dos 30 mil de Pereira Pinto), do outro, a manifestação de repúdio e de provocação por parte de adversários políticos:

Durante a passeata os trabalhadores empunhavam canas de açúcar. Uma multidão assistiu a passeata, tendo ficado vivamente impressionada com tamanha demonstração de vontade pelas reformas de base da sociedade,

⁴ A grafia correta era Jacy Barbetto, mas a sua filha (Tânia Barbetto) me disse em conversa privada que “praticamente ninguém escrevia o seu nome corretamente”. O nome de seu pai seria citado em vários momentos como Jaci Barbetto, Jacir Barbetto, Jair Barbetto, Darcy Barbetto e Jacyr Barbetto.

⁵ GOMES, Delso. **História do Partido Comunista em Campos** (Memórias do Partido Comunista em Campos). Campos: Jornal Dois Estados Gráfica e Editora, 2000. p. 195.

defendida pelo presidente João Goulart, principalmente a reforma agrária, tema central da palestra de Francisco Julião. Os trabalhadores, durante a passeata, carregavam ainda faixas alusivas às reformas de base e, à frente delas, os líderes sindicais, lado a lado, com Julião, Adão, Edmundo Santos e Pereira Pinto. Acompanhei a passeata ao lado do dirigente do PCB, Raulino Mesquita. Todos os populares que assistiam comentavam que há muitos anos não viam espetáculo tão comovente. Nos dias seguintes a imprensa comentou o ato mas, assustada com o que presenciou, temendo a reversão do quadro político social, fazia provocações anticomunistas. Este acontecimento foi coordenado com discrição pelo Partido Comunista, que acionou seus membros, dirigentes sindicais e parlamentares.⁶

Na recordação de Gomes, a divergências entre Julião e Jango são minimizadas. É bem provável que o próprio Julião tenha modulado seu discurso, até porque todos os líderes políticos e sindicais citados por Delso eram entusiasmados apoiadores das reformas encampadas por João Goulart. Ao mesmo tempo, certos segmentos da esquerda, principalmente militantes do PCB que tinham maior atuação no meio rural, pareciam pender entre as propostas mais “reformistas” de Jango e as mais “radicais” de Julião. Na verdade, essa tensão se verificava no próprio partido do presidente, visto que o grupo mais ligado ao governador do Rio Grande do Sul Leonel Brizola demonstrava ter mais afinidades com as ações das Ligas Camponesas (no tocante às ocupações de terra, principalmente) do que com as iniciativas mais moderadas por parte do governo federal (cuja preferência recaía pelas medidas legislativas).

Isso não escapa às lentes de Gomes:

Paralelamente, a liderança de Brizola começa a tomar corpo, extrapolando o Rio Grande do Sul, invadindo espaço na esquerda brasileira, rivalizando com Prestes. Dentro de pouco tempo, junto com outros segmentos políticos, colocará na ordem do dia o plebiscito, para restaurar o Presidencialismo no Brasil. Brizola começa a empolgar uma nova esquerda nacionalista, antiimperialista, renovadora.⁷

Pode-se dizer que nem a visita de Julião a Campos era casual. A região vinha ganhando grande importância estratégica para os grupos de esquerda, em especial aqueles com maior atuação junto aos trabalhadores rurais. Pereira Pinto lembra que antes de Julião visitar Campos, “a região açucareira do Norte do Estado do Rio tornou-se palco preferido das esquerdas. O ‘Partidão’, como era chamado o Partido Comunista, se preparava para liderar as conquistas do povo”⁸.

Gomes observa que desde a campanha pela posse de João Goulart em 1961, logo após a renúncia da presidência de Janio Quadros, o PCB passa a enviar quadros da direção estadual para reorganizar a estrutura do partido na cidade, implementando novas tarefas,

⁶ Ibidem, p. 196.

⁷ Ibidem, p. 192.

⁸ PINTO, op. cit., p. 55.

métodos e propostas de mobilização e atuação⁹. Parece que se iniciava nesse momento uma espécie de corrida pela mobilização e organização das lutas pelo direito à terra no meio rural.

Hoje sabemos que Julião procurava arregimentar possíveis quadros para fincar bases em uma possível expansão das Ligas Camponesas no estado do Rio de Janeiro, partindo da região Norte-fluminense.

A estratégia de Julião começaria a tomar corpo um pouco antes daquela visita ao enviar para a cidade um jovem militante das Ligas Camponesas, o jornalista Pedro Porfírio. O que teria ocorrido provavelmente entre março e abril de 1962.

Em seu livro de memórias *Confissões de um inconformista*, Porfírio lembra a ocasião em que a sua ida a Campos foi decidida:

Julião decidiu me jogar no trabalho de organização de ligas na região de Campos, norte do Estado do Rio. Além de considera-la parecida com Cuba, pelo predomínio do cultivo da cana de açúcar, acreditava que havia condições objetivas de mobilização no período da entressafra, quando milhares de cortadores de cana ficam sem ter o que fazer.¹⁰

Para que tal trabalho pudesse ter sido iniciado, um nome seria fundamental: o médico e deputado federal Adão Pereira Nunes, campista, um dos fundadores do PCB em Campos ainda na década de 20 e que ainda mantinha vínculos com os comunistas locais. Era também muito ligado a Julião e “via com bons olhos a organização dos camponeses em sua região”¹¹.

Antes de pegar na Leopoldina o trem noturno para Campos, Porfírio ainda teve uma conversa com Nunes, que lhe deu “o nome de alguns camaradas do PC que ainda não haviam esconjurado Julião e sugeriu que poderia encontra-los num bar da Praça São Salvador”¹². Assim que chegou, Porfírio entraria em contato com Raulino Mesquita, que além de correspondente do *Última Hora* em Campos era presidente do comitê municipal do PCB. Com a ajuda de Mesquita, Porfírio chegaria a Fábio Ferraz, estudante de filosofia e “simpatizante de propostas mais radicais”; Jacy Barbetto e Amaro, ambos do Sindicato dos Ferroviários; Yvan Senra Pessanha, jovem advogado do STIAC e Edmundo Barros, chefe de Gabinete do então prefeito José Alves de Azevedo. E nota ele: “com tais contatos feitos no primeiro dia, tinha meio caminho andado”¹³.

⁹ GOMES, op. cit., p. 191.

¹⁰ PORFÍRIO, Pedro. **Confissões de um inconformista**. Rio de Janeiro: Fábrica do Conhecimento, v. 1, 2004, p. 122.

¹¹ Idem.

¹² Idem.

¹³ Idem.

Seria Ferraz que mencionaria o nome de João Guarda a Porfírio. Ele seria informado que Guarda simpatizava com Julião, morava “para os lados de Itererê, o primeiro distrito de Campos, onde funcionava a Usina Santa Cruz”. Além de pequeno lavrador, Guarda era funcionário da CERJ (Companhia de energia do estado). Fabio enfatizaria que “quem quisesse organizar camponeses por ali tinha de ir saber o que o João Guarda pensava”¹⁴.

Consciente dessa necessidade, Porfírio e Fabio partiriam então para as primeiras conversações com Guarda. Com base em indicações obtidas junto a membros do Sindicato dos Trabalhadores do Açúcar seguiram para a localidade de Itererê. Lembra que “tratava-se de uma figura conhecida na área”, fato que facilitou a localização do sítio de Guarda numa área quase inacessível no meio rural campista. Porfírio recorda que aquele se mostrou bastante desconfiado ao dizer que estavam ali “em nome de Julião”. Segundo Porfírio, ele “tirou os óculos e nos mirou de cima a baixo: - Mas vocês não são lavradores”¹⁵.

Os detalhes dessa primeira conversa foram reproduzidas por Porfírio em seu livro de memórias. Eis sua versão:

Disse-lhe que era cearense e largara tudo para ajudar o movimento. Minha função era levar a Campos a experiência do Nordeste e ajudar a criar associações camponesas devidamente legalizadas. O Fábio era de Campos e simpatizava com a nossa causa. Aparentando quase 40 anos, João Guarda mostrou-se reservado, mas nos convidou para almoçar. Sentamos à mesa e devoramos uma polenta de milho, bom teste para quem não gostava de nada parecido, como eu. Na conversa, ele ia nos observando, procurando saber mais sobre as Ligas e sobre a possibilidade de falar diretamente com Julião. A seu convite, empreendemos uma caminhada de três horas e meia pela área, onde se percebia uma boa distância entre uma casa e outra.¹⁶

Guarda também explicaria nessa ocasião como passou a admirar Julião, fato que ele atribuiu ao “milagre do radinho de pilha”. Por esse meio ele tomaria conhecimento da campanha da resistência de Brizola em 1961, razão pela qual “não tirava mais o ouvido dos noticiários”. Ouvia com toda a atenção os discursos do governador gaúcho e “encantara-se com uma entrevista que Julião dera à Rádio Mayrink Veiga”.

Guarda diria ao fim do encontro que precisaria pensar mais e “marcou um outro encontro para o fim-de-semana quando teria conversado com alguns conhecidos”¹⁷.

Para esse segundo encontro, num fim-de-semana, Porfírio iria sozinho e lá chegando afirma ter ficado surpreendido “com um bom numero de lavradores reunidos no seu terreiro”. A reunião, segundo Porfírio, “varou a noite, em meio a perguntas e queixas”.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Ibidem, p. 125.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Ibidem, p. 125-126.

Entre estas, as principais diziam respeito a transformação das lavouras para a organização de pastos e as manobras utilizadas pelos usineiros para pagar a menor quantia possível pela cana dos pequenos fornecedores.

Os usineiros pressionavam os pequenos fornecedores de cana, fazendo-os baixar de preço por uma manobra malvada: o carroto permanecia no pátio da usina, exposto ao sol, sob os mais variados pretextos. No desespero, o pequeno plantador queimava seu produto ao gosto do comprador. Estabeleceu-se ali uma cadeia de exploração que dependia de jogo político. Quem não tinha cota do IAA (Instituto do Alcool e do Açúcar), mesmo tendo plantado, morria na mão dos apadrinhados. Quem não tinha como moer a cana penava na usina. Quem não tinha terra dependia da cabeça dos latifundiários.¹⁸

Um terceiro encontro seria marcado, poucos dias depois, numa terça-feira. Ela se daria durante a sessão espírita organizada por Alcides em seu centro: “mais de cem pessoas presentes, estavam criadas as condições mínimas para formalizar a primeira Liga Camponesa de Campos.” A formalização do ato seria assim descrita por Porfírio:

Nesse dia, em meio à empolgação geral, pronunciei inflamado discurso, encerrado com uma intespetiva citação de Danton, o jacobino francês, para quem as três virtudes do homem eram audácia, audácia e audácia. Lavramos uma ata, lemos uma proposta de estatuto, escolhemos Alcides para presidente provisório e pronto. Era levar tudo para o cartório.¹⁹

Após esse evento, Porfírio voltaria para o Rio, e escreveria uma matéria sobre a fundação da Liga para *O Semanário*. Nessa viagem ao Rio, ainda em abril, ele acertaria com Julião a ida deste a Campos, no primeiro de maio. Por sinal, a ideia dessa iniciativa partiria de Adão Pereira Nunes, que pretendia “promover uma grande concentração no auditório da rodoviária”. O evento é assim lembrado:

A notícia alastrou-se por toda a região. Os sindicatos operários e os estudantes ajudaram na mobilização e no transporte dos mais de mil camponeses que lotaram o auditório, amontoaram-se em frente e só arredaram pé depois de apertarem a mão de Julião, que brindou a todos com suas imagens e a firmeza de suas convicções. João Guarda foi um que, de tão emocionado, a partir daí, converteu-se inteiramente ao trabalho de organização dos camponeses. Foi um acontecimento noticiado por toda a imprensa local e prestigiado por algumas lideranças políticas, entre representantes de vários partidos. Estávamos, afinal, num ano eleitoral e ninguém queria perder voto.²⁰

Em suas memórias, ele nota ainda que desde maio outras Ligas foram sendo criadas, “já não era só a liga do Alcides”. Outras quatro seriam montadas. E - frisa ele - “um sonho passou a ser acalentado: invadir o Vale do Imbé, implantar uma experiência nova de plantio, voltada para a produção de arroz e feijão.”

¹⁸ Idem.

¹⁹ Ibidem, p. 127.

²⁰ Idem.

A articulação entre as Ligas Camponesas e quadros do “Partidão” em Campos, que já estava sendo esboçada antes da chegada de Porfírio, não só se consolidou como foi ampliada no caso do Imbé:

O próprio João Guarda assumiu a coordenação de todo o trabalho na área. Campos fervilhava e dava uma lição em termos de unidade das esquerdas: o Jaci Barbeta decidiu abrir o sindicato dos ferroviários para facilitar o nosso trabalho. O Ivan Pessanha organizava a cobertura pelos açucareiros e o Edmundo Barros atraía segmentos do trabalhismo.²¹

Não seria coincidência que logo após tal visita de Julião, o jornal *O Semanário* publicasse a matéria sobre a criação de uma Liga Camponesa na localidade de Itererê, bem próxima a região do Imbé. O órgão por sinal era muito ligado ao grupo de Leonel Brizola e onde Adão Pereira Nunes e Francisco Julião publicavam artigos²². Na primeira delas, a matéria intitulada “Ligas Camponesas instalam-se oficialmente no estado do Rio”, afirma que “102 camponeses” presenciaram a instalação da Liga Matriz do Estado em “Tererê”, “realizando-se, ao mesmo tempo, a posse do Conselho das Ligas Camponesas do Estado do Rio”. Naturalmente, Porfírio omitiria que essa reunião era na verdade uma sessão espírita que transcorria no “centro” de Alcides.

Os detalhes mais importantes dessa reportagem são os dois trechos seguintes. Num deles, encontramos a identificação de alguns personagens e seus vínculos políticos, no que parece ser a listagem dos membros do referido Conselho:

Ao ato de instalação solene da Liga de Tererê estiveram presentes Amaro Maciel, representando o Sindicato dos Ferroviários, o estudante Fábio Ferraz, Edmundo Santos, representando a Frente de Libertação Nacional; Roberto Chabo, presidente do Conselho das Ligas do Estado; Regina Albuquerque, representante do Conselho Nacional das Ligas; Josival Alves Barreto, da Comissão Jurídica das Ligas e o jovem Pedro Porfírio Sampaio, responsável pelo setor campo das Ligas Camponesas do Estado do Rio.²³

Outro aspecto marcante dessa reportagem é a reprodução do discurso que teria sido pronunciado na solenidade por um membro da “direção da Liga Camponesa de Itererê” (cujo presidente era Alcides Riscado), o “camponês João Batista Coelho (João Guarda)”:

A união de vocês, camponeses, é a Liga. Sem união, vocês não tem força. Temos uma sociedade, agora, com quatro advogados e um médico. O resto é com vocês.

²¹ *Ibidem*, p. 128.

²² Ler o verbete *O Semanário*, disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/semanario-o>. Acessado em: 15/05/2020.

²³ *O Semanário*, 07/06/1962, p. 11.

Unidos teremos a reforma agrária, finalidade da Liga. Aqui não há política. Apenas defesa dos direitos da massa camponesa.²⁴

Por diversos momentos do evento, os “oradores”, como Roberto Chabo, enfatizariam a ideia de que “as Ligas não são um partido político, com fins eleitorais, mas um movimento amplo, sem ideias pré-concebidas, podendo dele participar cristãos, materialistas, democratas e liberais.” A única menção à Julião seria proferida no discurso de encerramento, a cargo de Porfírio:

A Liga Camponesa – disse - é a maior amiga, a bandeira, o caminho do camponês. Ele deve ter fé em Deus no céu. Ele deve ter fé em Deus, no céu, e na Liga, na terra.” E depois de recordar a frase de Julião no sentido de que quem “tem vergonha na cara” deve lutar pela libertação do camponês, o jovem ativista acentuou encerrando seu discurso: “Três coisas são necessárias para o camponês se libertar: coragem, coragem e coragem.”²⁵

Porém, um mês depois, a reportagem adotava outro tom, destacando o vínculo das Ligas com Julião:

[...] As Ligas Camponesas, com base em Itererê e que se espalha rapidamente por todo o norte fluminense. Registra legalmente e filiadas à Liga Camponesa do Estado do Rio, cujos estatutos as regem, as Ligas Camponesas que trazem a mensagem de Julião constituíram-se na bandeira dos camponeses fluminenses. Imediatamente após a fundação da liga-matriz em Itererê, no mês de maio último, fundaram-se idênticas organizações dentro de Campos e dos municípios de São Fidelis e São João da Barra, estando em marcha o registro de ligas das fazendas do Largo e Atalhos, neste último município, cujos posseiros lograram grande vitória depois de longa luta, ao verem as terras desapropriadas em seu favor.²⁶

Um detalhe importante é que Porfírio voltaria para o Rio logo depois, provavelmente em junho, e nunca mais voltaria a Campos. Adão Pereira Nunes se manteria como principal articulador na inserção do movimento de Julião na região de Campos. O que era bastante curioso, dado que Adão, político do PSP, era oriundo do PCB e mantinha fortes vínculos com os comunistas da cidade, em especial com Jacy Barbetto. Assim, Adão se via na posição de um agente que conseguia ter boas relações com forças políticas concorrentes. E é preciso lembrar que Adão vinha construindo uma plataforma política no estado em aliança com o controverso Tenório Cavalcanti no plano estadual e com Leonel Brizola no plano federal. Figuras igualmente concorrentes do PCB tanto no cenário do estado quanto no do país.

²⁴ Idem.

²⁵ Idem. Em seu livro de memórias, publicado em 2004, Porfírio relataria assim a sua participação: “Nesse dia, em meio à empolgação geral, pronunciei inflamado discurso, encerrado com uma intempestiva citação de Danton, o jacobino francês, para quem as três virtudes do homem eram audácia, audácia e audácia” (p. 126-127).

²⁶ PORFÍRIO, Pedro. “Ligas Camponesas instalam-se oficialmente no estado do Rio”. O Semanário, 12/07/1962, p. 7.

E em meio a todas essas relações e disputas, tinha-se também o jogo político local e estadual.

O PCB, por exemplo, decide apoiar Tenório Cavalcanti nas eleições de 1962 para o governo do Estado. Tal postura implicaria num esfriamento da relação com o grupo do PTB mais ligado a Badger Silveira, herdeiro político de seu finado irmão Roberto.

A presença de Tenório em Campos também se daria de forma mais recorrente. Ele chegaria a encerrar a sua campanha para a eleição estadual exatamente com um grande comício na Praça São Salvador, em Campos²⁷.

Tenório seria derrotado por Badger, mas perceberia durante a campanha como a cidade de Campos havia crescido em importância política em termos de movimentos sindicais. Não à toa ele enviaria representantes seus, como Paulo Valente – que era seu secretário particular – a intervir nos eventos do Imbé no ano seguinte.

No plano municipal, a expansão do PCB no movimento sindical campista tinha na figura de Delso Gomes o seu principal expoente. Líder dos ferroviários, tornaria-se o candidato a vereador mais votado no pleito de 1962. Sua candidatura caminhou junto com as campanhas de Adão Pereira Nunes para deputado, com a de Tenório para governador e com a de Barcelos Martins para prefeito. Embora fizesse parte do PSP (já que o PCB se encontrava na ilegalidade), Barbetto fazia questão de dizer que era “comunista”. Tanto assim que embora o PSP tivesse um candidato a governador na pessoa de Miguel Couto, Jacy seguiria a diretriz do PCB, fazendo campanha para Tenório Cavalcanti. Por sinal, a relação entre eles se estreitaria significativamente naquelas eleições de 1962. Gomes chega a lembrar que na campanha daquele ano, “o Partido recebeu uma Kombi com serviço de som do candidato Tenório Cavalcante, e que ficou conosco até as eleições. O pessoal do Jacy a usava até às 16 horas e, daí em diante, ficava comigo”²⁸.

Um aspecto que contribuía para a aproximação entre o PCB (campista e fluminense) e Tenório era certamente os vínculos deste com Adão Pereira Nunes. Um pouco antes da visita de Julião, no dia 1º de maio, o Conselho Sindical da cidade, que era dominado pelos quadros do PCB local, já havia organizado uma comemoração com a colaboração do então prefeito José Alves. Depois de uma palestra do advogado pecebista Yvan Senra no sindicato dos Ferroviários, houve um comício à noite na praça São Salvador, “tendo como oradores, além dos líderes sindicais, os convidados Dr. Adão Pereira Nunes, o deputado federal Tenório Cavalcante, (que elogia muito o Dr. Adão) e o vice-prefeito, Dr. Edgardo Machado, representando o prefeito”²⁹.

²⁷ Ibidem, p. 198.

²⁸ Ibidem, p. 195.

²⁹ Idem.

Outro aliado de Tenório era Barcelos Martins (PSP), que participaria de vários comícios com Tenório. Os comunistas por sua vez também apoiaram Barcelos na votação para prefeito. Apoio decisivo, por sinal, se levarmos em consideração que Barcelos venceria seu principal oponente, o fazendeiro e udenista Ferreira Paes, por apenas 23 votos³⁰.

Contudo, essa mesma relação exemplificava com muita nitidez o caráter dúbio de uma aliança política. Esta sempre tem um caráter essencialmente provisório e instável, as relações entre aliados exigem uma constante disposição para a negociação e um esforço perene pela satisfação dos interesses das partes. E isso nem sempre é possível, seja por problemas entre as mesmas partes (desentendimento quanto a objetivos ou interesses) ou por questões externas³¹. As relações entre Martins e os comunistas de Campos foram emblemáticas nesse sentido³². Era em meio a essa relação sempre tensa, que a colaboração entre as partes ia sendo tecida. Gomes lembra que em março chegaria a Campos “o dirigente do Partido no Estado, Rubens Vanderlei, acompanhado do economista Moacir Paixão, para uma colaboração com o prefeito Barcelos Martins, no setor das finanças da Prefeitura”³³.

E as tensões não se davam apenas no âmbito das disputas partidárias junto às instituições do legislativo ou executivo: ela se fazia sentir no próprio interior do setor sindical.

Ainda tendo por base as memórias de Delso Gomes, podemos observar o lugar de destaque reservado à “conquista” da presidência do STIAC por Almirante Costa em 1962. Seria a primeira vez que um quadro comunista alcançaria esse posto. A diretoria da entidade seria composta também por diversos militantes do PCB local. Costa seria também responsável pela contratação pelo sindicato do advogado Yvan Senra, também comunista. Gomes associaria essa “conquista” à reformulação da estrutura do partido na cidade efetuado um ano antes por Raulino Mesquisa, que desde fins de 1961 era o 1º secretário do Comitê Municipal, “por decisão do Comitê Estadual”. Segundo Gomes:

Primeira conseqüência de seu trabalho foi a conquista da direção do Sindicato dos Trabalhadores de Usinas de Açúcar. Esta conquista deu mais ânimo às bases

³⁰ Ibidem, p. 199.

³¹ Sobre as idas e vindas nas relações entre forças políticas no contexto fluminense da primeira metade da década de 1960, veja-se GRYNSPAN, Mário. **Mobilização camponesa e competição política no estado do Rio de Janeiro (1950-1964)**. Rio de Janeiro, Tese de doutorado em Antropologia Social, Museu Nacional/UFRJ, 1987; e, RIBEIRO, Felipe Augusto dos Santos. **A foice, o martelo e outras ferramentas de ação política: os trabalhadores rurais e têxteis de Magé/RJ (1956-1973)**. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, 2015.

³² Um desses desencontros se veria logo que Martins iniciou o seu segundo mandato como prefeito de Campos, no caso da demissão dos funcionários da Prefeitura. GOMES, op. cit., p. 204.

³³ Ibidem, p. 207.

do Partido nas empresas do setor. Raulino, com seu estilo ofensivo, conseguiu, em pouco tempo, resultados positivos, que eram notórios e palpáveis. Consolidou as bases e ampliou as do Cupim, Mineiros e Queimado, estruturando a mais nova, a de São José, com Letelbe, Amaro Martins (Matias) e outros novos membros. A seguir, estruturaria as bases nas usinas de Poço Gordo.³⁴

Tal expansão contava com o trabalho de outros quadros do PCB na cidade. Prossegue Gomes: “a atuação de Jacy Barbeto, dando cobertura prática à diretoria nas portas de usinas, em muito ajudava a mobilização dos operários. O advogado Yvan Senra também participava das visitas às portas das empresas”³⁵.

Nesse contexto de crescimento das bases do Partido, Gomes não deixaria de mencionar a importância de Adão Pereira Nunes, que era tão próximo do Partido que instalaria seu escritório eleitoral por um tempo em sua sede no centro da cidade, dividindo os dois as despesas por algum tempo³⁶.

O crescimento do PCB junto aos trabalhadores de usina é um dos pontos altos das recordações de Gomes sobre a trajetória do partido em Campos no período pré-Golpe de 1964. As bases do Partido nas usinas de açúcar (Cupim, Queimados, Mineiros, São José, Poço Gordo e a mais nova, Baixa Grande) trabalhavam em sintonia com a direção do sindicato: “neste ano registra-se algumas greves por empresa, para cumprimento do acordo salarial, sempre com duração de algumas horas. O companheiro Almirante Costa e os demais diretores não dão trégua aos empregadores”³⁷.

Entretanto, o mesmo sucesso não se verificava no âmbito dos trabalhadores rurais, aqueles que trabalhavam diretamente nas lavouras e que não eram empregados das usinas. Junto a eles atuava o STR, que era comandado desde a década de 1930 por Antonio João de Faria, que tinha vínculos com o PSB, mas que não tinha qualquer simpatia pelo PCB. O STR, por exemplo, não fazia parte da Federação de Associações de Lavradores do Rio de Janeiro (Falerj) e sim da FLERJ³⁸, ligada ao governo do Estado e de tendência conservadora.

Concomitante à expansão do PCB junto aos trabalhadores de usina, Almirante Costa começaria uma ofensiva pela disputa da representação dos trabalhadores da

³⁴ Ibidem, p. 193.

³⁵ Idem.

³⁶ Ibidem, 194.

³⁷ Ibidem, p. 201.

³⁸ Federação dos Lavradores do Estado do Rio de Janeiro (FLERJ) foi criada em junho de 1960 sob patrocínio do governador fluminense Roberto Silveira. Era muito próximo dos Círculos Operários Fluminenses, que por sua vez eram ligados a setores da Igreja Católica e tinha como principal objetivo neutralizar o avanço comunista no meio rural do estado do Rio. Segundo, Fernando Henrique Barcellos, a FLERJ chegou a contar com o apoio de quase uma dezenas de associações. Ver do autor - **Ação sindical e luta por terra no Rio de Janeiro**. Itaguaí. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2008, p. 33-38.

lavouira de cana de açúcar. Faria não deixaria por menos, opondo-se às tentativas de cooptação por parte do STIAC. Gomes relembra que

No setor de usinas, começa um conflito em torno dos empregados das lavouiras de usinas de açúcar. O sindicato, comandado por Almirante Costa, reivindica os operários do campo para seu sindicato. Contrapõe Antônio João de Faria, que não aceita e luta pela manutenção dos trabalhadores em sua entidade, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais. A executiva do Partido estimula os companheiros do STIAC a absorverem os camponeses em seu sindicato, como trabalho tático de unificação das categorias do mesmo setor de empresa, obtendo mais poder de luta. Foi o início de uma luta renhida entre as duas entidades e a unificação nunca ocorreu.³⁹

As marcas dessa disputa entre PCB e o grupo de Antonio João de Faria se fariam sentir inclusive no plano da memória. Gomes ao recordar a visita de Julião acabaria não fazendo menção a participação do próprio Faria nessa solenidades.

Mas esse não seria o único evento que Delso Gomes deixaria de mencionar a participação ou intervenção de Antonio João de Faria. E nem mesmo Gomes seria o único a deixar de mencioná-lo. Como nos lembra Alessandro Portelli⁴⁰, a memória de um evento é sempre uma construção, feita com os pés no presente. E o próprio ato de lembrar depende em muito dos vínculos, preferencias e interesses de quem produz as recordações. As lembranças e esquecimentos têm muito a ver, portanto, com o contexto no qual elas são geradas.

O certo é que o cenário político de Campos não era apenas polarizado entre esquerda e direita, ou entre conservadores e progressistas. Havia em paralelo uma situação de grande disputa e concorrência entre forças políticas de um mesmo campo: quadros do PCB, PSP, PTB, PSB, Ligas Camponesas e líderes políticos sem filiação partidária definida como Antonio João de Faria também competiam pelo controle das formas e meios de representação política de quem lutava por terra naquele período.

No interior de um cenário político tão mobilizado e fragmentado, as disputas por protagonismo pelas ações políticas também eram uma questão de representação, razão pela qual as narrativas (ou seja, o sentido e os símbolos) sobre os eventos eram fundamentais.

A deflagração da ocupação do Imbé no início de abril de 1963 seria emblemática dessas disputas. Toda a articulação que vinha sendo promovida entre os quadros das Ligas e o do PCB local desde antes da chegada de Porfírio, sofreu uma inflexão com a chegada

³⁹ Ibidem, p. 204.

⁴⁰ PORTELLI, Alessandro. "O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum". In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

de José Pureza, um quadro do PCB, porém mais ligado a Falerj e com atuação na Baixada Fluminense.

Mesmo contando com o trabalho de organização e mobilização de João Guarda para a ocupação, seriam os comunistas a tomarem a frente da iniciativa, exercendo o controle do acampamento das famílias de posseiros que então se estabeleceram no Segundo Norte do Imbé⁴¹. O que seria em muito facilitado pela violenta repressão policial que se abateria sobre João Guarda, que teria que fugir da região para não ser detido pela polícia local.

As disputas aflorariam não apenas na iniciativa da ocupação em si, como também nas memórias construídas sobre o próprio evento. Memórias que antes de preencherem as páginas de livros de memórias de pessoas como Pedro Porfírio, José Pureza ou Adão Pereira Nunes décadas mais tarde, já seriam veiculadas por jornais que se dedicaram a realizar a cobertura dos eventos do Imbé. E muitos desses jornais eram ligados a grupos políticos. Mas as disputas em torno dessas memórias é um tema a ser examinado em outro artigo.

Considerações Finais

A articulação entre entre PCB e Ligas Camponesas na ocupação do Imbé foi tão intensa que muitos que dela fizeram parte como Antonio João de Faria chegaram a confundi-los em suas memórias. Faria diria, por exemplo, que José Pureza teria comandado a ocupação com as Ligas Camponesas sob a sua direção⁴². A confusão feita por Faria é apenas aparente. No fundo, os quadros da Falerj, os membros das Ligas Camponesas e os quadros ligados ao PCB local atuavam de maneira articulada. Mesmo com as discordâncias em termos de linha política e de visão sobre a conjuntura do país, elas não parecem ter influenciado na relação entre os dois agrupamentos ali presentes. Muito contribuiu para isso a articulação realizada por figuras como Adão Pereira Nunes, que era bem relacionado tanto com o grupo de Julião, como com os quadros do PCB (fosse local, estadual ou nacional). O próprio Francisco Julião era muito bem visto pelos comunistas de Campos.

Mas se era verdade que uma certa solidariedade sempre estivesse presente, a rivalidade também se manifestou no momento em que José Pureza decidiu tomar a frente da ocupação do Imbé, absorvendo toda o trabalho de organização e mobilização efetuados pelas Ligas, em especial por João Guarda.

⁴¹ Ibidem, p. 143.

⁴² Ver FERREIRA, Avelino. **Faria tudo outra vez**. Campos dos Goytacazes: Imprinta, 1995.

As idas e vindas dessas relações não eram manifestações de incoerência, mas resultado direto da complexa conjuntura de relações políticas locais e das relações que cada agente era obrigado a efetivar para deter alguma influência no campo político da cidade, daí vemos vínculos expressivos que ligavam figuras aparentemente irreconciliáveis como Francisco Julião e Tenório Cavalcanti, PCB e PSP, ou Ligas e PCB.